

Experiências de um Prisioneiro de Guerra Norte-Americano

Coronel (Res) William S. Reeder Jr., Exército dos EUA

(Partes extraídas do artigo publicado pelo Northwest Guardian, "Former Army Aviator Recounts POW Experience". Escrito por Rick E. Black.)

NO DIA 19 DE MAIO de 1972 o Capitão William S. Reeder Jr, piloto de um helicóptero *Cobra AH-61*, teve sua aeronave abatida pelo fogo inimigo perto da tríplice fronteira do Camboja, Vietnã do Sul e Laos. Reeder lembra dos disparos, da queda e do forte golpe no terreno. "Não há muito tempo para pensar detalhadamente. Só há tempo para uma avaliação rápida da situação e reagir." Ao recuperar os sentidos, ele estava atirado no chão ao lado do seu helicóptero em chamas. Mesmo com as costas quebradas, queimaduras no pescoço, estilhaços na cabeça e no tornozelo, ele tentou escapar.

Para alcançar uma área mais segura, Reeder sabia que teria primeiro, que, cruzar as linhas inimigas e as áreas cheias de arame farpado e minas. Tinha a esperança de poder identificar-se claramente como amigo aos homens encarregados da casamata de comando, se é que pudesse sobreviver ao fogo inimigo. Ao decidir que isso não seria possível, decidiu encontrar um caminho para a aldeia amiga perto de Kontum a uns 60 km através da selva, uma viagem que levaria aproximadamente duas semanas. Reeder conseguiu ficar em pé e, apesar de muita dor, começou a caminhar.

Durante o transcurso da primeira noite, Reeder ouviu o barulho de alguns helicópteros e acendeu seu sinalizador de emergência na esperança de ser visto. O piloto do helicóptero, contudo, confundiu sua luz como um clarão de disparo e começou a atirar em direção à posição de Reeder. Evitando ser ainda

mais ferido, Reeder continuou avançando em direção ao seu objetivo, alimentando-se de folhas de plantas e formigas, de acordo com seu adestramento de sobrevivência. No dia seguinte, ele tentou novamente usar seu dispositivo de sinais, mas foi atacado por fogo inimigo. No terceiro dia, viu um avião de observação da Força Aérea sobrevoando uma área que fora bombardeada. Correu para o centro da área e começou a fazer sinais com seus braços, mas a aeronave fez uma volta e desapareceu. Reeder esperava ver um helicóptero de resgate, mas o que viu foi um grupo de aviões *F-4* que começou a bombardear a área. As bombas destruíram a área a seu redor, mas não atingiram o local onde ele estava abrigado.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Reeder ouviu vozes vietnamitas apenas cinco metros à sua frente. À proporção que ele procurava esconder-se na selva densa, ele esperava que as vozes que ouvia fossem de pessoas do lugarejo. Infelizmente, alguns segundos mais tarde, cinco *AK-47* estavam apontados para a sua cabeça e ele não teve nenhuma dúvida que fora capturado pelas forças do Vietnã do Norte. "Sem saber, ele estivera se afastando do campo Bem Het e se aproximando de uma importante área de concentração norte-vietnamita empregada para lançar ataques."

Ao chegar ao campo de prisioneiros, os guardas tiraram

suas botas e meias, e o colocaram em uma área central. Um interrogador que falava inglês foi inicialmente muito amável com Reeder, perguntando se podia ajudá-lo em alguma coisa... "Eu disse que não me sentia muito bem, que as minhas costas doíam muito e que agradeceria qualquer ajuda... mais tarde





me arrependi de ter dito qualquer coisa sobre as minhas costas.” O interrogador fez perguntas clássicas sobre a missão e a unidade de Reeder. “Respondi, dando o meu nome, posto, número de identificação e data de nascimento já que sua intenção era óbvia. Ele passou de amável para profissional e logo se enfureceu com as minhas respostas vagas.” O interrogador então parou de fazer perguntas táticas e começou a fazer declarações sobre política. Logo a seguir, entregou-lhe alguns papéis para que assinasse, confessando ser um criminoso de guerra e haver lançado bombas incendiárias e munições químicas, matando anciões, crianças e mulheres grávidas. Esses papéis constituíam-se em uma confissão de culpa de cometer biocídio, ecocídio e genocídio.

Quando Reeder se recusou a assinar os papéis, o interrogador começou a dar socos e atou os seus braços atrás das costas, ajustando as cordas até que os cotovelos se tocassem, deslocando seus ombros. Logo atou Reeder perpendicularmente em uma árvore. “Como eu havia caminhado por vários dias agachado com as costas quebradas, essa posição era extremamente dolorosa e ele continuava me batendo.”

Nessa noite ele foi colocado em um buraco coberto de lenhas. “Preparei-me para agüentar qualquer coisa, porque eu precisava sobreviver, e a própria sobrevivência converteu-se em uma força motivadora.” Esses eventos se repetiam e ao terceiro dia entregaram-lhe um saco de arroz, suas botas sem os cordões e sem as meias, e um cartão explicando que era um prisioneiro de guerra e como tal seria transferido para um lugar mais seguro.

*Durante o transcurso da primeira noite, Reeder ouviu o barulho de alguns helicópteros e acendeu seu sinalizador de emergência na esperança de ser visto. O piloto do helicóptero, contudo, confundiu sua luz como um clarão de disparo e começou a atirar em direção à posição de Reeder. Evitando ser ainda mais ferido, Reeder continuou avançando em direção ao seu objetivo, alimentando-se de folhas de plantas e formigas, de acordo com seu ades-
tramento de sobrevivência.*

Durante três dias Reeder caminhou através da selva, com suas botas sem cordões, um tornozelo infeccionado e as costas quebradas. “Foram três dias horríveis e seus pés pareciam carne moída.”

Havia uns trezentos prisioneiros sul-vietnamitas e um americano no campo. Reeder e os outros prisioneiros foram colocados em jaulas feitas de bambu dentro de um fosso repleto de estacas cobertas com excrementos humanos. Eles recebiam dois punhados de arroz como ração diária e podiam sair das jaulas por cinco minutos para usarem as latrinas, que na realidade eram uns buracos cavados no chão. Muitos dos prisioneiros nunca chegavam até as latrinas por causa da disenteria provocada pela contaminação da água e da sujeira.

“Com o passar do tempo, os buracos (supostamente latrinas) estavam cobertos de fezes humanas. Fui forçado a caminhar por cima dessa massa horripilante para ficar de cócoras em cima de um dos buracos e logo retornar para a jaula pelo mesmo caminho, sem poder me lavar.” Muitos prisioneiros com disenteria não conseguiam se agüentar e defecavam nas jaulas.

O Capitão Reeder se concentrou em sobreviver e regressar para o seu lar. “Tenho a certeza de que me mantive vivo graças à fé em Deus, na minha pátria e na minha família”. Em consequência de sua fome, preparou mentalmente um cardápio que comeria quando estivesse em liberdade. “Acredito que o arroz não fazia parte desse cardápio, não obstante, tinha que me autoconvencer que gostava de arroz para sobreviver.”

Dias antes de ser enviado para outro campo de prisioneiros, Reeder conseguiu entrar em contato com o outro prisioneiro



neiro americano e juntos planejaram uma forma de escapar, embora precisassem esperar devido à sua precária condição de saúde. Os dois prisioneiros americanos e 25 soldados sul-vietnamitas foram transferidos para outro acampamento, onde, segundo os norte-vietnamitas, teriam melhores condições de vida: melhor alimentação, cuidados médicos e poderiam receber cartas e pacotes. A marcha, através da selva do Camboja e ao longo da Trilha Ho Chi Minh pelo Sul do Laos, prevista para onze dias, durou três meses. Cada prisioneiro recebeu um saco de arroz, um pedaço de pano como rede e um pedaço de plástico como poncho, mas dessa vez foram sem as botas. Durante esse percurso o outro prisioneiro americano e mais seis sul-vietnamitas morreram.

Ao chegar a Hanói, Reeder foi confinado em uma prisão solitária no campo denominado *Plantation Gardens*. Depois de uma série de interrogatórios, ele foi transferido para junto dos demais prisioneiros. Cada prisioneiro recebia pão e legumes duas vezes ao dia. Nesse campo Reeder conheceu oito americanos. Depois de dois meses no campo, os B-52 começaram novamente a bombardear Hanói. “Deixavam cair bombas ao redor de nosso campo. Uma noite os vietnamitas do norte nos fizeram subir em um caminhão coberto de lona, andaram quase uma hora para nos levar ao “Hanoi Hilton”¹, localizado apenas a algumas quadras do campo onde estávamos. Reeder permaneceu ali por três meses antes de ser posto em liberdade em 27 de março de 1973.

Com o tratado de paz, os prisioneiros americanos foram postos em liberdade, soltando primeiro aqueles que haviam sido capturados há mais tempo e os que se encontravam em piores condições físicas. Enquanto observava os outros prisioneiros serem postos em liberdade, ele aguardava sua data prevista para 24 de março. “O dia chegou e se foi, disse Reeder. Finalmente, o comandante do campo comunista nos reuniu e disse que ‘Nixon e seu espírito belicoso havia reexaminado a questão e decidido que a guerra não havia terminado. A guerra continua. Serão prisioneiros toda a



Havia uns trezentos prisioneiros sul-vietnamitas e um americano no campo. Reeder e os outros prisioneiros foram colocados em jaulas feitas de bambu dentro de um fosso repleto de estacas cobertas com excrementos humanos.

continuuou como piloto passando para a reserva após 30 anos de carreira no Exército dos EUA. Ao voltar do Vietnã, Reeder solicitou uma designação para o Forte Lewis no Estado de Washington, servindo na 1ª Brigada, 11ª Artilharia de Campanha. Esteve também hospitalizado por seis meses no Centro Médico Madigan do Exército dos EUA, recuperando-se de uma cirurgia na coluna vertebral e determinado a lutar contra as muitas infecções que afetavam sua saúde.

Reeder oferece um pensamento final: “No Dia Nacional de Reconhecimento dos Prisioneiros de Guerra e dos Desaparecidos em Combate, 18 de setembro, pensou com preocupação e compaixão nas famílias de todos aqueles que não regressaram e, mais ainda, nas famílias de todos aqueles que ainda são considerados como desaparecidos em combate. Considero ainda importante que os EUA continuem seus esforços extraordinários e positivos de dar satisfação sobre os desaparecidos e de ajudar às famílias.” **MR**

vida, regressem para as suas celas’. Essa foi a primeira vez durante todo o meu cativeiro que senti uma desesperação total.” Três dias mais tarde, entretanto, deram a Reeder roupa nova e o transportaram para o aeroporto de Hanói.

“Quando nos transferiram para o controle americano, no aeroporto, e caminhamos em direção à aeronave eu senti uma alegria imensa e uma sensação de liberdade. Sentimos um alívio total quando o piloto anunciou que nossa aeronave C-141 se encontrava afastada da costa e fora do alcance dos mísseis antiaéreos.”

Apesar de ter sido um prisioneiro de guerra por quase um ano, Reeder

Referências

1. Para mais informações sobre o “Hanoi Hilton” ver www.farfromglory.com/hanoi/hilton.htm acesso em 23 fev 2005.

ANÁLISE LITERÁRIA

Coronel (Res) William S. Reeder, Jr., Exército dos EUA

General Vo Nguyen Giap: The General Headquarters in the Spring of Brilliant Victory General Vo Nguyen Giap

A Guerra Global contra o Terrorismo é um conflito do século XXI, mas à medida que os EUA se envolvem em operações contra-insurretos, é útil examinar as experiências do passado para ver se podemos retirar lições que possam ser aplicadas às nossas ações nos meses e possivelmente nos anos vindouros. Um dos lugares mais óbvios é a Guerra do Vietnã.

A literatura sobre essa guerra é abundante. Na realidade, existem mais informações disponíveis do que poderiam ser razoavelmente utilizadas. Não obstante,

Fundamental Plan and Opportunity Plan e Making Strategic Decisions são os dois capítulos mais interessantes. Apresentam Giap como um estudante de História, reconhecendo a influência de Napoleão Bonaparte, a importância de Josef Stalin e de Fidel Castro. Giap discute o inter-relacionamento do partido, do exército e do estado quanto ao desenvolvimento da estratégia da ofensiva para conquistar o sul após a retirada das tropas americanas.

pelo fato de os americanos procurarem encontrar uma melhor compreensão das experiências no Vietnã e retirar explicitamente lições que possam ser aplicadas para combater os insurretos e outros inimigos assimétricos, é de grande ajuda para obter diversas perspectivas dos combatentes inimigos, planejadores-chave e líderes da oposição.

Sem dúvida, a maior figura militar da história contemporânea do Vietnã é Vo Nguyen Giap. Giap comandou as forças vietnamitas que derrotaram os franceses durante a primeira Guerra da Indochina e era o Ministro de Defesa durante o conflito americano no Vietnã. Seu livro *General Vo Nguyen Giap: The General Headquarters in the Spring of Brilliant Victory* (The Gioi Publishers, Hanoi, 2002) foi traduzido para o inglês e é uma boa fonte de informações sobre as opiniões de Giap a respeito das fases finais desse conflito.

As memórias de Giap são uma mistura de dados históricos, interpretação pessoal e, infelizmente, propaganda.

O leitor deve estar constantemente alerta para perceber qual é a intenção do autor. Isso não significa que seu trabalho deva ser rejeitado. Muito pelo contrário, o relato dos eventos históricos pela visão norte-vietnamita é muito instrutivo.

As perspectivas apresentadas por Giap sobre o funcionamento do estado, partido e instituição militar do Vietnã do Norte fazem com que o leitor chegue mais perto de um entendimento de como esse misterioso e aparentemente inepto sistema comunista pôde planejar, organizar e executar uma guerra vitoriosa contra a maior potência mundial. Não obstante, o leitor também deve ser alertado quanto à aceitação indiscutível de uma narrativa que tem o objetivo de denegrir os vietnamitas do sul e os americanos, assim como deseja propugnar a posição política, militar e moral do Vietnã do Norte. No entanto essas posições poderiam ser defendidas de outra maneira, se fossem apoiadas em um argumento baseado solidamente em dados comprováveis. A verdade é que Giap não o faz e ainda oferece freqüentemente informações erradas que são facilmente refutáveis.

As memórias de Giap relatam a campanha do bombardeio americano durante o Natal de 1972 que precedeu a assinatura dos Acordos de Paz de Paris, encerrando a participação americana na guerra em janeiro de 1973. A seguir ele ressalta a agenda de decisões da XXI Assembléia Plenária do Comitê Central do Partido Comunista do Vietnã do Norte que delimitou os parâmetros para a continuação da guerra, apesar dos Acordos de Paz de Paris para obter a vitória comunista final. O resto do livro se concentra na forma e nos detalhes de como as decisões da Assembléia evoluíram, bem como na execução da campanha resultante até o colapso final do regime sul-vietnamita.

Fundamental Plan and Opportunity Plan e Making Strategic Decisions são os dois capítulos mais interessantes. Apresentam Giap como um estudante de História, reconhecendo a influência do Imperador francês Napoleão Bonaparte enquanto acrescenta rapidamente a importância do Primeiro Ministro soviético Josef Stalin e do Presidente cubano Fidel Castro. Giap discute o inter-relacionamento do partido, do exército e do estado quanto ao desenvolvimento da estratégia da ofensiva para



conquistar o sul após a retirada das tropas americanas.

Além disso, Giap oferece um entendimento e possivelmente acredita, de forma exagerada, no relacionamento entre os oficiais norte-vietnamitas e aqueles remanescentes da insurgência no Sul. Ele menciona as lições aprendidas de um dos poucos fracassos reconhecidos pelo Vietnã do Norte — a Ofensiva da Páscoa de 1972 — e descreve o processo evolutivo para uma posição de consenso entre os três elementos do poder nacional, à medida que o plano evoluía de sua concepção à maturidade.

Ele salienta que a ofensiva foi planejada para durar dois anos. O plano teria dois estágios. O primeiro consistiria de três ondas ou fases lançadas em 1975. As referidas ondas deveriam varrer o Vietnã do Sul, movendo-se sucessivamente das províncias do Sul para as do Norte, descadeadas somente para desestabilizar os esforços de pacificação; causar certo nível de dano militar e econômico; abrir corredores estratégicos e essencialmente estabelecer as condições para uma ofensiva geral em 1976 que daria início à libertação do Sul.

Surpreso pela velocidade de suas ações iniciais em 1975, o Norte se apressou em elaborar um plano revisado,

enquanto a campanha se desenrolava rapidamente. As ramificações e resultados planejados com presteza, em conjunto com as iniciativas dos comandantes norte-vietnamitas no campo de batalha, impulsionaram celeremente os avanços através das áreas rurais e logo ameaçaram e depois atacaram as defesas de Saigon, capital do Vietnã do Sul.

Giap não procura esconder que o sucesso do avanço final dos norte-vietnamitas deveu-se à retirada dos EUA em 1975 e na situação política debilitada do Presidente Richard M. Nixon. Ele também revela a preocupação sobre a possibilidade de uma subsequente intervenção americana em resposta aos movimentos ofensivos do Vietnã do Norte.

Há cinco lições principais que podem ser aprendidas das memórias de Giap. A primeira é a importância de se compreender a história, a geografia e a cultura de um adversário insurreto. A segunda é não subestimar um inimigo assimétrico. A terceira é que o emprego da força militar é apenas um dos componentes de uma campanha estratégica bem-sucedida. A quarta é a importância da ideologia e da energia carismática injetada nessa ideologia. A quinta é que o povo e as instituições governamentais

norte-vietnamitas estavam preparados para resistir por muito mais tempo que o povo e o governo dos EUA.

A última mensagem pode ser extraída do texto. Segundo Giap, nunca houve nenhum pensamento a não ser o de continuar o combate até os EUA se cansarem do seu envolvimento com o Vietnã. Essa lição fundamental — que os conflitos expressados e baseados na retórica da guerra dos povos podem durar muitos anos e até décadas — é uma das mais importantes da Guerra do Vietnã e, certamente, uma mensagem extremamente relevante desse livro.

O que Giap não divulga é a enorme influência estratégica de uma população controlada e astutamente manipulada. Ele também não aborda o auxílio militar e econômico que

Como um prisioneiro de guerra no sistema de prisões de Hanói, eu contesto a afirmativa de Giap de que os prisioneiros de guerra americanos “tinham permissão para fazer um jornal mural, organizar festivais de canções, dar boas-vindas ao Papai Noel ao lado de árvores de Natal muito bem decoradas e rezar pela paz e a repatriação”. Eu posso pessoalmente confirmar que ninguém que eu conheça desfrutou dessas supostas regalias.

a União Soviética e a China proveram para o Norte, nem o fim da ajuda militar dos EUA ao Vietnã do Sul.

Ele também não oferece a menor insinuação de qualquer divergência, nem mesmo a mais modesta discordância, dentro dos círculos norte-vietnamitas ou em qualquer nível do sistema comunista. Isto não significa que tais opiniões teriam alterado o curso da guerra; simplesmente parece que um exame da conclusão do conflito deve considerar um âmbito de influência mais amplo que aquele analisado por Giap.

Algumas críticas adicionais prepararão melhor os futuros leitores para enfrentar alguns dos desafios intelectuais apresentados por esse livro. O mesmo contém muitas observações das cidades e regiões que serão absolutamente confusas para aqueles que não conhecem detalhadamente a geografia do Vietnã e seus limites políticos; o livro não contém nenhum mapa nem gráficos organizacionais, que podem dificultar o raciocínio do leitor procurando entender as personalidades e a estru-

tura do estado, do partido e das forças armadas.

Finalmente, fique bem alerta para os dados que Giap oferece como fatos. Algumas de suas informações são indubitavelmente corretas, como o abate de um B-52, que caiu na Tailândia, em 22 de novembro de 1972. Contudo, outras informações estão muito longe da veracidade dos fatos, e algumas afirmações chegam próximas ao absurdo. Giap reafirma (citando um comunicado do Comando Superior do Exército) que em um período de doze dias as forças norte-vietnamitas abateram trinta e três B-52, cinco F-111, vinte e quatro aeronaves da Marinha americana e três aeronaves de reconhecimento. Essa afirmativa difere significativamente das fontes ocidentais que insistem que as perdas durante o mesmo período foram de dezessete B-52 e um total de outras onze aeronaves. Giap ainda afirma que oito navios de guerra americanos foram incendiados nesse mesmo período. Não há registros desses acidentes.

Como um prisioneiro de guerra no sistema de prisões de Hanói, eu contesto a afirmativa de Giap de que os prisioneiros de guerra americanos “tinham permissão para fazer um jornal mural, organizar festivais de canções, dar boas-vindas ao Papai Noel ao lado de árvores de Natal muito bem decoradas e rezar pela paz e a repatriação”. Eu posso pessoalmente confirmar que ninguém que eu conheça desfrutou dessas supostas regalias.

Esse livro é valioso porque oferece as opiniões e perspicácias de um grande general sobre o funcionamento de um sistema que pôde derrotar os EUA. Ainda apresenta detalhes, até agora desconhecidos, do planejamento e execução da última e mais importante campanha de Hanói.

Ao mesmo tempo, contudo, o livro está cheio de falácias que devem ser cuidadosamente analisadas por qualquer leitor sério. É um livro de memórias escrito por um dos líderes militares modernos mais conhecidos — uma memória da investida final do Vietnã do Norte para invadir o Vietnã do Sul. É também uma plataforma de onde se pode gravar permanentemente o papel de Giap nesta grande vitória militar.

Giap emerge deste trabalho como o grande mentor intelectual dos planos e das mudanças introduzidas durante a sua execução. Muitas e muitas vezes o partido e o estado recorrem a Giap para obter ajuda — e sempre obtêm. Mesmo assim, este não é o único caso de vanglória entre as autobiografias e memórias militares publicadas tanto no Ocidente como no Oriente. **MR**

O Coronel (Res) William S. Reeder Jr. é atualmente Diretor do Stryker Center For Lessons Learned dos EUA no Forte Lewis no estado de Washington. É Ph.D em História pela Kansas State University e é veterano com mais de trinta anos de serviço no Exército Americano, tendo sido designado duas vezes para o Vietnã. Durante sua segunda designação para o Vietnã, seu helicóptero foi abatido e ele foi capturado pelos norte-vietnamitas. Foi prisioneiro de guerra por quase um ano.